

# **O sol nasce para todos: o tratamento de dependentes químicos na Fazenda do Sol em Campina Grande/PB<sup>1</sup>**

**José Luciano Albino Barbosa UEPB/Paraíba**  
**Álcool, Tratamento, Drogas**

Esta pesquisa, em andamento, consiste na investigação sobre o cotidiano de dependentes químicos na Fazenda do Sol em Campina Grande/PB. Tal espaço, de orientação e prática religiosa católica, tem o objetivo de tratar pessoas que sofrem com algum tipo de dependência química, inclusive o álcool, através de uma rotina de trabalho, oração e convivência. Durante o ano de 2015 foram realizadas visitas - uma vez por semana - para o acompanhamento das ações na Fazenda, a fim de observar os mecanismos de "cura" e tratamento. Em tais ocasiões, foi investigada a experiência dos internos em relação ao consumo do álcool e como estes se colocam em relação ao mesmo. Neste caso, pretendeu-se problematizar sobre o consumo em suas dimensões sociais, especialmente naquilo que é percebido como comportamento desviante e as trajetórias e históricas de vida no âmbito do consumo de bebidas alcoólicas.

## **1. Uma descrição do cenário**

A ação pastoral, coordenada ao tratamento de dependentes químicos em casas de recuperação, ocorre em duas fazendas nas proximidades de Campina Grande/PB. Uma no bairro de Santa Terezinha e outra, no Distrito de Jenipapo. O processo de internação se dá de forma espontânea, no sentido de ser uma escolha, por parte do interessado, embora, na maioria das vezes, haja a intervenção da família no sentido de conduzi-lo à Fazenda. Apenas homens fazem parte do espaço e, no período da pesquisa, 12 homens compunham o quadro de internos. Há o entendimento de que a estadia é livre, tendo as portas abertas para os que decidam, por ventura, deixar o tratamento.

Os internos vêm das mais diversas localidades da cidade de Campina Grande e de outras circunvizinhas, em sua esmagadora maioria, de famílias pobres e da periferia. O mais jovem tinha 16 anos e o mais velho 56. Em termos de educação formal, a escolaridade é muito baixa, com grande dificuldade, inclusive, nas mais elementares noções de leitura e escrita. Cada um é responsável pelos cuidados relativos à higiene

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB

peçoal e de suas acomodações e objetos de uso peçoal (cama e roupas, por exemplo), além de haver o rodízio para a limpeza do ambiente onde dormem. Devido às habilidades peçoais, os trabalhos de cozinha, cuidado de animais (galinhas e cães) e horta estavam sob a responsabilidade daqueles que já tinham experiência em tais ocupações. A direção das Fazendas é realizada pelo Pe. Sérgio e a coordenação local da de Jenipapo por Jean, um ex-interno que trabalha como voluntário. No seu caso particular, passa o dia na Fazenda e retorna para casa a noite, tendo em vista ser casado e cursar licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba a noite. Sua função consiste na observância das atividades, que vão dos momentos de oração aos cuidados com a casa e com o trabalho.

Outro aspecto destacado como importante, pela coordenação, refere-se à suspensão de remédios como antidepressivos ou ansiolíticos aos internos. Todo e qualquer medicamento de uso psiquiátrico está proibido no local, com exceção de casos em que se evidencie, clinicamente, a indispensável prescrição. Significa que o processo está baseado em outros referenciais e instrumentos terapêuticos, no caso, àqueles de bases religiosas, centrados em uma rotina de contornos rígidos na qual os momentos do dia estão vinculados a atividades específicas e prescritas. O dia está organizado na distribuição rítmica de afazeres sedimentados, dando a impressão de que há momento e lugar definido para tudo, do *cuidado de si*<sup>2</sup> à convivência e ao trabalho de conservação da casa.

O tratamento tem duração de um ano, ficando o interno todo esse período sem se deslocar para outro lugar, com exceção de consultas médicas<sup>3</sup>. Inicialmente, para a entrada propriamente dita, faz-se uma triagem para saber da real disposição do candidato para assumir as obrigações estabelecidas na Fazenda. Em seguida, parte-se para um período de adaptação de alguns meses, três em média, na Fazenda 1, a que se localiza no bairro de Santa Terezinha. Após esse primeiro momento, o interno é transferido para a Fazenda 2, em Jenipapo, onde o convívio com outros mais “resistentes” e testados, em termos de abstinência, tem prosseguimento. Esta pesquisa foi realizada na Fazenda do Sol de Jenipapo, por razões que serão mais esclarecidas em breve.

---

<sup>2</sup> Lembrar Foucault quando do estudo sobre a Sexualidade, naquilo que há de disciplinamento, cuidado e controle sobre o corpo e suas representações.

<sup>3</sup> Em nenhuma ocasião o interno sai sozinho. Sempre com ele segue alguém da coordenação para acompanhá-lo ao dentista ou a outro médico. Pude constatar o uso de remédios para o controle da hipertensão.

Geralmente, as visitas ocorrem aos domingos, quando se celebra uma missa e, com os parentes, os internos podem passar um tempo juntos. A celebração é aberta e a presença de outras pessoas, que não fazem parte da convivência dos internos, ocorre com frequência. Há um número significativo de voluntários que contribuem de várias maneiras, seja com palestras, de acordo com a formação (psicologia, técnicas agrícolas, culinária, artesanato etc.), seja na forma de doação de bens e dinheiro para a manutenção das casas – com os “sócios contribuintes”. Neste particular, aos que podem pagar, sugere-se o valor de um salário mínimo no ato de entrada e meio salário por mês, porém, no período em que a pesquisa foi realizada, a quase totalidade dos internos não tinha recursos para contribuir com a Fazenda. Assim, trabalho voluntário e doações são as bases objetivas de manutenção dos espaços.

A mensagem passada aos familiares e membros é a de que as Fazendas são comunidades terapêuticas, não clínicas. Tanto por não terem profissionais da saúde, quanto por estarem orientadas por referenciais religiosos, com destaque para a doutrina Católica. Assim, nos 14 anos de existência, o complexo “Fazenda do Sol” aposta na espiritualidade e em uma rotina de trabalho doméstico e agrícola, cujos objetivos terapêuticos sinalizam para o tratamento da dependência de homens que experimentaram o uso contínuo e prolongado de substâncias psicoativas.

O espaço dos internos dispõe de uma satisfatória infraestrutura de quartos, banheiros, cozinha, sala para TV e ambiente de refeição arejado e amplo. O imóvel foi cedido ao padre para aquela finalidade e consiste em um sítio em excelentes condições de moradia, que abrigava, em 2015, 12 homens. A propriedade possui poço artesiano com água potável, cisternas para coleta de água da chuva, além de muitas fruteiras e espaço para cultivo, totalizando uma área de seis hectares, dos quais, pelo menos dois, eram destinados ao plantio de milho, feijão, horta, macaxeira. No restante da área, muitas fruteiras dão ao lugar o aspecto campestre pela densidade arbórea de sombras e silêncios típicos.

## **2. O contato**

Minha experiência em clínicas ou em qualquer outro espaço de tratamento para dependentes químicos era inexistente até o primeiro contato com a Fazenda do Sol. Tive

informações do trabalho realizado pelos padres Passionistas<sup>4</sup> que atuam em Campina Grande na Paróquia da Santíssima Trindade, localizada no bairro do Catolé. A partir de uma conversa com o padre diretor das ações, expus os interesses da pesquisa. Na ocasião, tentei esclarecer para ele o objetivo metodológico de criar uma rotina de visitas para observar de perto o contexto de relações sociais particulares da casa em foco, no intuito de constatar suas percepções sobre as drogas (com destaque para o álcool) e a experiência na Fazenda do Sol.

Sua recomendação foi para eu ir à fazenda de Jenipapo, como já brevemente dito, por ser o lugar onde os internos já estavam mais habituados à rotina proposta/induzida e poderiam ser, em sua opinião, fontes mais experientes e seguras para minha pesquisa. Tal experiência foi algo bastante novo e desafiador, tendo em vista que o campo era radicalmente diverso do que eu estava acostumado a trabalhar. Antes, em outras circunstâncias, acadêmicas ou não, bares, cabarés, feiras e engenhos eram espaços familiares, nos quais, pude investigar o universo do álcool, cujo teor se mostrava tenso e contraditório, mas, sobretudo, apologético em relação ao consumo. Agora, frequentar um ambiente onde não só o álcool, mas também todas as substâncias entorpecentes, inclusive a nicotina, eram consideradas nocivas, destruidoras da vida, pareceu-me bastante provocativo.

Assim, combinei com o padre e com o coordenador da Fazenda para fazer uma visita semanal, nas quintas-feiras, quando iria passar o dia com os internos, conversando e vivenciando as atividades dos mesmos, podendo, com exceção aos momentos de orações, conversar ou fazer entrevistas para coletar dados para a pesquisa que ora se iniciava. A primeira visita ocorreu no dia 19 de março de 2015, precisamente uma quinta-feira, momento mais condizente com minhas atividades docentes. Na verdade, um desses arranjos de horários que permitem a conciliação e a viabilidade entre a rotina de trabalho e o ofício de pesquisador. Lembrei-me de Guimarães Rosa:

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer é coragem.” (Rosa, 2006).

---

<sup>4</sup> Ordem Confessional Católica.

Essa coragem para enfrentar novos desafios, encarar o novo e repensar-se a partir de tal exercício, fora de zonas de conforto, estimulam o trabalho do investigador social. Na verdade, tentar entender o consumo do álcool naquilo que sobre ele é tido como destrutivo, viciante e descontrolado foi a motivação primeira deste trabalho. Nesta direção, a Fazenda do Sol me pareceu o lugar mais apropriado para *olhar, ouvir e escrever* (Oliveira, 2000) e, acima de tudo, refletir sobre um tema que maturo há anos.

### **3. A rotina: espiritualidade, trabalho e convivência**

O processo terapêutico na Fazenda do Sol se baseia no princípio da ocupação da mente, do corpo e do espírito com atividades coordenadas e que estimulem, ou mesmo induzam uma reeducação, uma nova forma de vida afastada das drogas. Parte-se do entendimento de que é possível se distanciar de qualquer vício, desde que haja o disciplinamento pelo trabalho, oração e o compartilhamento de experiências. Neste sentido, do conviver, estimula-se a fala para que cada um possa expor aos demais sua realidade, no ímpeto de construir a consciência do sofrimento e da dependência. Perceber-se como dependente e que precisa de ajuda assume evidência na escala de prioridades. Em síntese, a meta é atingir a paz interior e libertar-se das drogas.

Os valores judaico-cristãos da vigília, oração e espera em Deus são estimulados em amplitude. Quer dizer, o que foi escrito por Mateus 26:41 “vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca”, é bastante alusivo ao que se propõe como tratamento. Para tanto, a metodologia consiste no refazer-se, na busca do novo homem, de acordo com os preceitos religiosos de conversão, fé e cura. Pode-se afirmar que o espaço tenta promover para cada membro e ao grupo, uma espécie de catarse, na medida em que promove à antiga vida nas drogas a condição de tragédia, uma vez que passa a ser possível pensar, refletir, impactar-se, enfim, diante da dramaticidade que foi a própria vida e, com isto, remir-se, lançar-se como alguém renovado. O Terço, a enxada e o diálogo são peças de um cenário dramático, a provocar e prometer em seus textos trágicos outros atos apoteóticos.

Em termos objetivos, a rotina da Fazenda segue a seguinte estrutura:

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
06:00	Acordar

06:20	Oração: Terço – após o terço há um momento de meditação, com leitura do Evangelho e reflexão – “Deus virá quando eu permitir”
07:30	Café da manhã
08:00 as 11:00	Trabalho no campo/lavoura – terapia ocupacional: “cabeça de dependente é cavalo doido”
11:30	Almoço
13:30	Assistir ao jornal, nunca programas policiais – programas esportivos e o Jornal Hoje da Globo
14:00	Retorno ao trabalho
16:00	Fim do trabalho na lavoura
16:00 as 18:00	Lazer: futebol, vôlei, damas
18:00	Terço da Misericórdia
18:30	Jantar
Até as 21:00	Assistir TV
22:00	Recolher para dormir

Nas quartas e sextas havia uma sessão de filme após o jantar. Nos finais de semana, a rotina era outra. Aos sábados, após o Terço, o trabalho ia até o meio dia e a tarde era destinada ao repouso, quando havia exposição de filme para quem assim desejasse. Nos domingos, todos os internos das duas Fazendas se reuniam na de Santa Terezinha, onde era celebrada uma missa as 11 horas e o encontro com os familiares, como já foi exposto. De acordo com a disponibilidade de voluntários, palestras e cursos rápidos eram oferecidos durante a semana, no turno da tarde.

#### **4. As visitas: familiaridade, empatia e confiança**

Foi informado, pelo padre, aos internos, que um professor iria à Fazenda para realizar um estudo sobre o trabalho realizado nela sobre o tratamento de dependentes químicos. Para eles, eu era mais um professor/voluntário que iria apresentar algo, falar sobre algo, ensinar algo. Houve certa frustração/estranhamento/desconfiança quando eu disse que nada levava e que não estava ali para oferecer um curso ou proferir palestra (o que eu queria, então? Pensaram). Disseram-me, depois, que eu podia bem ser um padre

disfarçado ou alguém mandado pelo diretor para fiscalizar o que eles faziam, se estava tudo certinho mesmo na Fazenda.

Eu perguntei se poderia participar da rotina das atividades da casa junto com eles para aprender um pouco como se dava o tratamento, e que gostaria de conversar com cada um ou em grupo sobre as experiências que tiveram com as drogas, com destaque maior para o álcool. Não me foi feita resistências explícitas, afirmando-se, a propósito disto, que eu poderia ficar à vontade. Meu intuito era o de passar um período de convívio, sem anotar nada – na frente deles –, sem caricaturar a figura do pesquisador de laboratório. Queria construir aproximações que deixasse claro o meu interesse de pesquisa, mas, de modo leve, uma relação espontânea, tranquila, para que houvesse a disponibilidade, ao tempo de cada um, para falar a respeito do que desejassem em relação à vida e aos sentimentos mais próximos daquela experiência na Fazenda. As visitas ininterruptas permitiram que minha presença assumisse certo grau de familiaridade, pelo menos nas quintas-feiras, quando eu chegava por volta das seis horas da manhã, antes de começar o Terço e saía após o almoço. Durante o ano de 2015, de março a julho, mantive a frequência obedecida, alterada por questões relativas ao trabalho, o que me levou ao afastamento da Fazenda. No momento, mantenho contato apenas com a coordenação, sem a mesma sistematização anterior. Dos internos que acompanhei apenas dois continuam o tratamento e foram transferidos para a de Santa Terezinha.

Do ponto de vista pessoal, o período foi bastante enriquecedor, pois ouvir as muitas falas das trajetórias individuais permitiu-me um grande amadurecimento sobre o tema no âmbito das drogas, em destaque, do consumo de álcool. No plano particular da pesquisa, eu queria investigar algo muito específico em termos da problemática: o que significava o álcool na vida deles? Mas, pela riqueza social do espaço, outras possibilidades de reflexão foram viabilizadas. Ali, na escala de perigo, de poder destrutivo, o crack, a cocaína e a maconha eram bastante destacados. Em relação ao álcool, certamente, a cachaça e a cerveja eram, nessa hierarquia, algo perigoso, mas, com uma função específica: *a porta de entrada* para outras drogas, a que lança, a que inicia o sujeito no ambiente das drogas. Percebi muito cedo, já nas primeiras falas, que o álcool não era apenas a “porta de entrada”, mas a “casa toda”, tendo em vista que não havia uma fase sequenciada para as drogas, mas um processo de combinação. Quero dizer, o álcool não era um antes, mas algo contínuo, simultâneo, diluído na aparente despretensão entorpecente. Ele funciona mais, como um alicerce sobre o qual outra

arquitetura se sobrepõe. Para eles, tomar uma cerveja significa, mais cedo ou mais tarde, consumir outra droga, inevitavelmente. “O beijo é a véspera do escarro”, como dizia Augusto dos Anjos. Assim, o gole, por pequeno que seja, é a véspera, a antessala da embriaguez profunda e da perda de forças para as outras drogas. Para outros, o álcool se basta, faz o serviço completo, tão destrutivo quanto qualquer outra droga, embora o status de licitude que possui, além dos estímulos sociais para o consumo. “O álcool é foda” me disse um deles.

## **5. Entre lavouras e conversas**

A conversa foi a grande lavoura da minha pesquisa. Após o Terço e o café da manhã, todos se dirigem para o campo, com exceção do cozinheiro. O manuseio da enxada pareceu-me estranho inicialmente, mas a adaptação ocorreu com o tempo, seja no calejar das mãos, seja na habilidade para limpar mato que eu não tinha. Na lavoura, o cultivo de milho e feijão começou em março, quando das primeiras chuvas. Trabalhamos no plantio e na limpeza da terra, no cuidado de outras plantas, como as da horta, de onde saíam alface, coentro, pimenta, pimentão e tomate para a cozinha. Há também bastante fruteiras: seriguela, goiaba, jaca, banana, manga, pitomba, laranja, limão, acerola, pitanga. Toda semana, no retorno para casa, eu sempre levava vários presentes do rico sítio, colhidos e doados com especial satisfação e gentileza. Por conta do trabalho na roça, a fome vinha a galope ao se aproximar o meio dia, floreando contornos e caprichos ao aroma vindo da cozinha, cujo paladar à respectiva comida a tornava de peculiar gravidade gustativa e digna da oração que precedia seu deleite.

Meu lidar na roça, com eles, causou estranhamento em decorrência de nunca ter ocorrido o fato de um professor ou voluntário realizar aquele tipo de trabalho. Limpar mato era considerado uma atividade menor, para os sem estudo, comentavam. O que eu, professor da Universidade, estava ali fazendo? Bem, tal inquietação mudou paulatinamente, quando ficou claro que eu queria conviver com eles e conhecer de perto o que lá faziam. Assim, o trabalho na lavoura passou de silêncios a conversas cada vez mais intensas entre nós, e bastante reveladoras, para mim, tanto pelo grau de complexidade e de sofrimento destacados, quanto pelo desejo de liberdade em relação às drogas.

Para este trabalho, decidi selecionar quatro falas dos internos, a fim de esclarecer a experiência que tive ao ouvi-las e como os relatos foram importantes para

responder a problematização da pesquisa sobre o consumo de álcool ou o que os internos representavam sobre ele. Além do padre Sergio e de Jean, coordenador da Fazenda, resolvi preservar a identidade dos entrevistados, mesmo tendo havido a autorização, por parte deles, para tornar pública suas falas. De todo modo, preservar a individualidade é um zelo do qual não se pode abrir mão, mesmo que possam ser importantes conteúdos para análise. Assim, à medida que a confiança aumentou com a convivência e certas particularidades foram, para mim, confidenciadas, passei a não me sentir à vontade para revelá-las. Cada interno será denominado por uma expressão que melhor o representa. Assim, os entrevistados escolhidos são: o boy, o entremuros, a criança solitária e o menino de família. Lembro-me aqui de José Saramago, quando dizia que seus personagens não tinham nomes. Não tenho pretensões de ser como ele ou de escrever ao seu estilo, mas apenas de tentar trazer à tona situações vividas, contextos, sem, para isso, individualizar quem os viveu. Outra informação a se destacar, diz respeito aos recortes realizados nas falas, quer dizer, a partir das várias conversas, selecionei algumas frases/motes para explorar um pouco da experiência de cada um na Fazenda. De certo modo, mesmo considerando ser algo um tanto inoportuno para o texto científico, procurei um estilo próximo ao romance, mesmo guardado o zelo e a fidelidade sobre os eventos e situações descritas pelos entrevistados.

## **6. Falas, recordações e confidências**

### **6.1 O boy**

Até os dezesseis anos não havia provado sequer uma cerveja. Ocorre que, pela influência de amigos da rua onde morava, passou a beber com eles nas festas que frequentavam - algo bastante comum para os de sua idade, segundo ele. Em situações do tipo, provou maconha, com muito receio dos pais saberem, diga-se de passagem. O problema que lhe pareceu maior foi a falta de dinheiro para sair, para poder “bancar”, nas saídas para as festas, a bebida e a maconha.

Neste caso, como já conhecia as fontes, passou a comprar maconha em quantidade maior para revender a outras pessoas e manter seu consumo. No início, fez as contas e viu que seiscentos reais era o suficiente que precisava para comprar a maconha do mês, sem prejuízo para si ou aos pais. Pronto, a droga sustentava o próprio vício, só precisava manter aquele movimento e “tudo certo”. O fato é que alguns

“clientes” passaram a demandar mais e o dinheiro foi ficando fácil, tendo, inclusive, dificuldade para esconder dos pais as roupas e objetos que passou a consumir.

Geralmente, a forma que usava para vender a maconha era nas festas, quando pagava bebidas para todo mundo, saía com lindas mulheres e era o amigo, o popular. “Eu era a má companhia que minha mãe sempre falou pra eu ter cuidado”. O espaço da farra, dos muitos chopes, era a primeira seção para o segundo ato, o uso da maconha. Muitos seiscentos reais tiveram que aparecer, pois, para o que precisava, estava o dinheiro insuficiente para manter o padrão. Tinha que comprar mais, vender mais, sair mais, beber mais, atrair, enfim, outros, para o seu misto de negócio e dependência que se avolumava.

O curioso, destacou, é que tudo ocorreu naturalmente, quer dizer, beber e sair com os amigos é normal, fumar um cigarrinho aqui, outro ali, também. De modo que, em breve, naquele ciclo de prazeres, dinheiro, facilidades, viu-se consumindo crack. Mas, por que foi para o crack? Pela sensação de que podia entrar e sair, de se sentir experiente, dono da situação. A esta altura, já não tinha mais as preocupações com o que os pais diziam, com o risco que tudo aquilo poderia ser para a saúde e segurança. “Fiquei entregue, na rua, minha mãe que foi me buscar.” Ele, pelo menos, teve uma mãe para socorrê-lo, outros, não. A figura da mãe é muito forte entre os internos, entendida como a última linha de defesa. Essa presença da mãe, ouvi em outros relatos, significa a que recolhe e traz para perto, a que protege. Neste sentido, parece ser a mãe um útero inconformado, aborrecido por a natureza tê-lo retirado sua cria; buscar o filho jogado na rua simboliza o antiparto, uma luta para refazer, recriar, reintroduzir em si algo que lhe roubaram. A entrada da Fazenda em Santa Terezinha tem muitas flores; segundo o padre, elas são daquele jeito porque irrigadas com as lágrimas das mães. Embora, o que muitos desenvolvam, por contraditório que pareça, seja um ódio da família, uma sensação de fracasso.

Para a Fazenda foi levado pela mãe e espera se “limpar”, afastar-se das drogas. Fica a impressão de que foi atingido por um raio destruidor e rápido, que lhe tirou o chão que precisa para refazer-se.

## **6.2 O entremuros**

Migrante nordestino em São Paulo, chegou a roubar e assaltar a mão armada para consumir drogas. Com o dinheiro capturado, frequentou muitas boates paulistanas,

onde conheceu cocaína. Por conta dessa prática foi preso e passou anos em uma penitenciária paulista, lugar de aprendizado maior sobre drogas e a dinâmica do mundo do crime. Na Fazenda, tinha habilidade com as plantas e foi cuidar da horta, onde pudemos conversar longamente e em várias ocasiões. Seu sonho era o de ter um sítio para trabalhar e ganhar o próprio sustento, não mais ter que ir para São Paulo.

“Se engana quem diz: deixa pra dormir quando estiver preso”, para ele, a prisão foi um trágico aprendizado de sobrevivência, onde consumia drogas e bebia cachaça para não dormir. Ao contrário de quem pensa que o sono é farto na prisão, estar acordado é, literalmente, continuar vivo. A este respeito, sobre a bebida, falou de uma estratégia de destilação bastante curiosa: na cela, juntavam restos de alimento e de frutas em um balde e deixavam fermentar por alguns dias, em seguida, filtravam com um pano aquele líquido que, por conta da fermentação tinha álcool, daí faziam a destilação através de um processo bastante rudimentar e curioso. Em uma garrafa tipo pet, colocava o líquido e, com dois fios em paralelo, ligados à rede elétrica, ferviam a bebida, extraindo o gás alcoólico da mesma forma como se ferve com uma panela. Aquele vapor, quando liquefeito, tornava-se álcool que eles bebiam. A cachaça, muito forte, embriagava, mas era de péssimo gosto e dava dor de cabeça.

Para manter-se vivo, ficou amigo daqueles que dominavam o ambiente, tornando-se uma espécie de soldado. Em certa ocasião, participou de uma palestra sobre AIDS, na penitenciária, especificamente sobre as formas de contaminação. Quando os instrutores lhes perguntaram o que sabiam sobre como se “pegava” a doença, ele respondeu: pelo dinheiro. “Como assim?” Perguntaram. Como resposta, disse: “na roda para cheirar (cocaína) quando a cédula passa de mão em mão para puxar o pó, vai o sangue do nariz ferido de um para outro, o que pode contaminar.” Os instrutores ainda não tinham conhecimento sobre aquela forma. Ele é um sujeito bastante inteligente e costumava usar de meios para expor os outros ao ridículo. Fez aquilo para mostrar que os professores não eram tão espertos assim.

Falou também como se escondiam armas na prisão. Engraçado, conversas tranquilas permitem que uns digam aos outros o que se sabe a respeito das estratégias de sobrevivência. Quando preso, viu como se escondiam as armas (facas, estiletos) na cela. Cavavam um buraco na parede ou no chão e colocavam as armas, em seguida, com sobras de pão, faziam uma massa e, literalmente, “rebocavam” o buraco, depois, sujavam a superfície com resto de comida, sangue ou outra coisa, para os agentes não perceberem a diferença na emenda ou na cor da parede. Assim, nas celas, havia as

formas de manter-se “seguro” o líder. Tal estratégia foi prejudicada a partir do uso dos detectores de metal, como forma de combater a prática.

Para ele, estar bêbado era uma forma de ficar acordado, de manter-se vivo, esperto. Na Fazenda, via uma possibilidade de esperança, de libertação das drogas, embora resignado, pessimista mesmo em relação ao mundo. Quanta sabedoria, coragem e desilusão vi naquele homem.

### **6.3 A criança solitária**

“Nasci numa casa de drogados, criei-me entre drogados e aos catorze anos já era um”. Neste caso particular, percebi que o álcool e as outras drogas funcionavam como uma companhia, o que permitia socialização e repouso pessoal, o não estar sozinho. Não ter com quem contar em casa e assumir o papel de líder, de vendedor de drogas na rua, deu-lhe o status e a estabilidade que lhe faltavam no espaço doméstico.

Impressionante como uma pessoa só com dezesseis anos já tinha passado por tanta coisa, de consumidor ao tráfico, à violência das ruas, à Fazenda do Sol. Segundo ele, as drogas lhe permitiram conhecer todo tipo de gente e como elas, as drogas, estão mais perto do que se possa imaginar. Para certas pessoas, a droga está na favela, em lugares escondidos e com pessoas “pintadas” de maldade. Não, elas são muito mais próximas e fáceis do que se pensa, basta conhecer um pouquinho, basta começar a consumir que logo aparece quem ofereça, onde ir pegar, a que “amigo” recorrer para a pronta “ajuda”. Começa com o prazer, segundo ele, mas que caminha para a dor, para o aumento da dor; dor que só passa com mais droga que causa mais dor. Mas, que dor? Perguntei. Como resposta: a dor de uma vontade sem fim.

E o álcool? “A bebida faz parte”. Curioso como o álcool aparece como algo corriqueiro, uma companhia constante e conhecida, uma espécie de melhor amigo.

### **6.4 O menino de família**

Com mais de trinta anos, quando o conheci, pareceu-me, pela história de vida, o típico menino de família, quer dizer, educado, estudioso, religioso, dedicado aos estudos. Até o terceiro ano no ensino médio nunca tinha provado sequer uma cerveja, com namorada em casa, naqueles padrões morais cristãos. No seu caso particular,

mesmo tendo provado várias drogas e o uso combinado entre elas, atribui ao álcool aquela substância que lhe causa maior poder destrutivo.

Sua iniciação se deu como a de tantos outros, “naturalmente”. Esse ritual de passagem promovido pelo ato de beber, como critério para se mostrar homem, agir como tal, foi, segundo ele, a porta de iniciação nas drogas. O uso esporádico passou a ser cada vez mais contínuo. Os amigos da cerveja do fim de semana passaram a considerar suas atitudes exageradas, que estava bebendo demais, assim, buscou outras companhias, para justificar seu consumo. Nesse universo de “amizade” ampliada conheceu e provou maconha, o que provocou um efeito em cadeia para outras substâncias. No entanto, o álcool é o que lhe faz mais “falta”, quer dizer, o que lhe impõe maior capacidade de resistência.

Nesta direção, do controle, afirma: “Deus é a cura para a minha dor”. Preencher a vida com outras atividades e muita oração tem sido a saída que encontrou para continuar abstinência. Seja para fumar um simples cigarro ou tomar cerveja, “a mente do viciado é muito rápida quando o assunto é arrumar droga”. A desculpa, o arranjo de argumentos e a capacidade de argumentação para justificar aquele ato, (“tão simples”, “sem importância”; “só uma vez”; “trabalho muito, eu posso”) e tantos outros subterfúgios, são pretextos que levam ao consumo sem culpas, são evidências da mente do viciado, que se engana a todo tempo para manter-se ébrio. O viciado, na sua fala, tem elementos de prisioneiro e de mentiroso, por considerar a droga mais forte do que ele e, portanto, está sob seu domínio. Vive o indivíduo para consigo e aos próximos, cheio de maquinações interiores, falsidades veladas e intenções enganadoras quando o assunto é embriagar-se, consumir alguma droga.

Estar na Fazenda significa poder se libertar, apoiar-se em algo que, para ele é maior do que qualquer droga. Neste sentido, encontra na Fazenda do Sol as orientações que lhe oferecem o suporte, a resistência para não alimentar e dar vazão às demandas entorpecentes que tem em si. Em sua fala fica claro a luta diária que trava consigo mesmo para se ver distante do álcool.

## **7. Algumas considerações finais, preliminares**

O que dizer sobre a eficácia do tratamento? Esta pergunta não tem como deixar de ser feita e sua resposta perseguida. O padre elaborou uma afirmação a respeito que me pareceu, no mínimo, inteligente. Segundo ele, cada dia que um interno fica sem

consumir qualquer tipo de droga lícita ou ilícita a Fazenda do Sol cumpre seu propósito. Mesmo assim, tem conhecimento de que quando as pessoas voltam para suas casas, geralmente retornam às velhas práticas. Isto ocorre, segundo ele, porque a família está doente. Às vezes, a própria família é a principal causa dos vícios.

Não há como ficar muito tempo sem beber, por exemplo, quando em casa isso se faz rotina, algo normal. As pessoas veem os drogados, discriminam, mas não se sentem presos ao vício também, complementa. Oferecer oportunidade para refletir sobre a própria vida de maneira comunitária e preencher o dia-a-dia com atividades sadias para o corpo, mente e espírito são os pilares do tratamento oferecido. Mais ainda, o caráter religioso se propõe a mostrar um caminho, um sentido para a vida, vem mesmo a dar um norte para quem se percebe abandonado e infeliz.

Segundo uma perspectiva científica, não cabe aqui discutir se Deus cura ou não, ou mesmo se Ele existe, embora seja uma afirmação reproduzida pelos internos. Cabe, por outro lado, observar como certos valores em conflito tendem a induzir mudanças de comportamento e à transformação de atos que são considerados desviantes e transgressores em outros, próximos de uma normalidade moral. O que significa desvio, crime e pecado, nesse contexto? Pode-se afirmar que a construção e a valorização de certos atos e rotinas cumprem a função redefinir posturas segundo outros referenciais. Quer dizer, assumir a livre escolha de trocar o bar pela Igreja, as diversões antigas pela oração e pelo trabalho, além de incluir, antes de qualquer coisa, Deus, como resposta para a falta provocada pela abstinência são orientações e práticas que fundamentam a vigília à superação dos vícios e a conversão, a formação de um “homem novo”. A compreensão religiosa pregada baseia-se na convicção de que o sol nasce para todos, assim, é preciso sair das sombras.

## 8. Referências

- BARBOSA, José Luciano Albino. **Engenho de cana-de-açúcar na Paraíba**: por uma sociologia da cachaça. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GARCIA, Angela Maria. **E o verbo (re)fez o homem**: estudo do processo de conversão do alcoólico ativo em alcoólico passivo. Niterói: Intertexto, 2004.

MOURA, Cristina Patriota de. Resenha. Becker, Howard S. 2008 [1963]. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Zahar. 232pp. Disponível em:<  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132009000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000200011)> Acesso em: 16 de fevereiro de 2016.

MOTA, Leonardo. **Dependência química e representações sociais:** pecado, crime ou doença? Curitiba: Juruá, 2009.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar – Brasil de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VIASSMAN, Magda. **Alcoolismo no trabalho.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.